

'Os jovens querem mesmo é mudanças'

Senador gaúcho analisa o país e destaca os movimentos nas redes sociais

■ FLAVIA BENFICA

O senador Pedro Simon (PMDB), cujos 83 anos lhe proporcionam uma das mais longevas carreiras políticas do Rio Grande do Sul, exerce mandatos eletivos desde 1960. Ao Senado, chegou pela primeira vez em 1979 e, apesar de já ter dito o contrário, afirmando que não concorrerá, há quem garanta que ele pode disputar um novo mandato em 2014.

Com mais de 50 anos de vida pública, o senador, que já foi também deputado estadual, governou o RS entre os anos de 1987 e 1990 e coordenou o movimento das Diretas Já, acredita que o Brasil está começando um novo capítulo de sua história.

Correio do Povo: O Brasil vive um novo momento político?

Pedro Simon: A gente diz que o maior mal do país é a impunidade, mas, ao contrário de tudo o que se imaginava, a ação do mensalão está chegando ao fim no Supremo Tribunal Federal e seu resultado mostra uma nova realidade. Já o Congresso é um caso negativo. Veja a CPI do Cachoeira. O Congresso escondeu tudo. Foi vergonhoso. Agora, a Câmara absolve de forma quase clandestina um cidadão condenado pelo Supremo. Mas há uma grande novidade no Brasil, já vista em outras partes do mundo: a mobilização pelas redes sociais. Os jovens na frente da Câmara e do Senado assustam os parlamentares.

CP: O senhor apoia os protestos das ruas?

Simon: É preciso uma separação. Há os protestos tradicionais, da CUT, do MST, da UNE, que no governo do PT praticamente pararam porque a CUT é hoje uma espécie de departamento do governo e a UNE também. Há o canto novo no universo das redes sociais e essa mocidade que não quer nada com partidos e com política, quer mesmo é as mudanças. E há esses mascarados, que quebram tudo, o que não dá para entender, assim como não dá para entender que a Polícia não tome providências.



Simon diz que alguns já não querem mais nada com partidos e com política

CP: O senhor concorda com os que se dizem contra a política e os partidos?

Simon: Sem partidos não há democracia. Temos é que moralizar a vida política brasileira e o Brasil.

CP: A reforma política faria isso?

Simon: Defendo a reforma política, mas se for feita pelo Congresso, será para pior. Ela deve ser feita imediatamente, mas por pressão da sociedade.

CP: A sociedade a deseja? Está correta a proposta de plebiscito apresentada pela presidente Dilma?

Simon: A sociedade está mobilizada. A OAB apresentou uma proposta de minirreforma com as questões mais urgentes. É importante se abrir uma discussão em cima da proposta da OAB. Já o plebiscito é uma questão delicada. Prefiro o referendo.

CP: A presidente Dilma será candidata à reeleição e terá o apoio de seu partido, o PMDB?

Simon: Ela é a candidata. Não acredito na volta do Lula, porque a Dilma faz um governo mais sério e, do ponto de vista da ética, melhor. Demitiu sete ministros por corrupção. Não foi adiante porque no Brasil o presidente é escravo do troca-troca com a base. Quem diz que a Dilma não pode concorrer por acusações de corrupção no governo, esses é que não podem mesmo ir buscar o Lula. Nós, do Rio Grande, sempre defendemos a candidatura própria, mas hoje é algo distante. Se acontecesse, o candidato devia ser o vice-presidente (Michel Temer), que está prestando um bom serviço ao país.

CP: O senhor e Michel Temer são adversários dentro do PMDB. O senhor está revendo suas posições?

Simon: Se chegar abril de 2014 e a Dilma mantiver bons índices, terá o apoio do PMDB. Mas se baixar assim para a casa dos 20% e os outros candidatos subirem, aí o partido não vai apoiá-la. Não é o que eu defendo, mas é o que vai ocorrer. O vice-presidente Temer, que é presidente do PMDB, insiste na aliança. E desempenha bem seu papel. Tem se comportado, busca o entendimento, ajuda a Dilma. Então, tenho que fazer justiça. Não posso dizer o mesmo do PMDB na Câmara e nem de muita gente dentro do partido. E também falo nele porque tenho certeza de que não teremos candidato próprio.

CP: No RS, o PMDB terá candidato próprio? E como deve se posicionar frente à eleição nacional?

Simon: Temos pelo menos dez nomes para concorrer ao governo e ao Senado. O PT tem o Tarso (Genro) e quem mais? O PP tem a senadora Ana Amélia Lemos e quem mais? Na eleição para a Presidência da República, acho que se houver uma decisão aprovada em convenção nacional, o PMDB do Rio Grande do Sul vai acompanhar.

CP: Qual sua avaliação sobre o governo Tarso?

Simon: Não dá para deixar de reconhecer que Tarso está andando pelo mundo, se esforçando. O Estado tem posição delicada e não é culpa dele.

CP: Ele está fazendo um bom governo?

Simon: Não foi isso o que eu disse. Eu disse que ele está se esforçando bastante, mas não está conseguindo.

A entrevista com o senador Pedro Simon encerra a série que ouviu quatro ex-governadores sobre o futuro do Estado.